

TERRY GOODKIND

A PRIMEIRA REGRA DOS FEITICEIROS

Parte II

Traduzido por
Ângelo dos Santos Pereira

Capítulo 1

A princesa Violeta virou-se de repente e esbofeteou Rachel com força. A sua vítima não fizera nada de mal, mas a princesa adorava bater-lhe quando ela menos esperava. Era um jogo divertidíssimo! Rachel não tentou dissimular a dor: se suspeitasse que não a magoara o suficiente, a princesa repetiria a dose. Com os olhos cheios de lágrimas e os lábios trémulos, Rachel pôs uma mão na marca vermelha e não disse nada.

Voltando-se para a pequena cómoda de madeira envernizada, Violeta agarrou um puxador dourado com um dos dedos gorduchos e abriu outra gaveta, da qual tirou um cintilante colar de prata com pedras grandes azuis incrustadas.

– Este é bonito. Levanta-me o cabelo.

Colocou-se diante do espelho sumptuosamente emoldurado e admirou-se enquanto prendia o colar ao pescoço. Ao mesmo tempo que segurava os compridos cabelos castanhos da sua senhora, Rachel observou o seu próprio reflexo no espelho, examinando discretamente a grande marca vermelha. Detestava ver-se, sobretudo depois de a princesa lhe ter meticulosamente massacrado o cabelo. É certo que a sua posição não lhe permitia deixá-lo crescer, mas só queria que Violeta a deixasse ter um corte uniforme... Apesar de quase todas as outras raparigas andarem com o cabelo curto, podiam ao menos gabar-se de ter um aspeto mais decente. Infelizmente, a princesa gostava de lhe dar tesouradas irregulares para que as pessoas a achassem feia.

Rachel passou o peso do corpo para a perna direita e rodou o tornozelo esquerdo, no qual já sentia dormência. Tinham passado

toda a tarde na sala de joias da rainha. A princesa experimentara uma joia após outra e não se cansara de se olhar ao espelho. Enquanto sua companheira de brincadeira, Rachel era obrigada a fazer-lhe companhia e a assegurar-se de que a princesa se divertia. Havia dezenas de pequenas gavetas abertas, algumas totalmente e outras apenas a metade. Inúmeros colares e braceletes pendiam como línguas brilhantes e outros jaziam no chão juntamente com broches, tiaras e anéis.

Violeta baixou os olhos e apontou para um anel rematado por uma pedra azul.

– Apanha aquele!

Rachel obedeceu e enfiou o anel no dedo que a sua senhora lhe estendeu. A princesa virou então a mão de um lado para o outro diante do espelho antes de a pousar em cima do seu vestido de cetim azul-claro com o intuito de realçar a beleza da joia. Com um longo suspiro de tédio, dirigiu-se para o belo pedestal de mármore branco situado na outra extremidade da sala. Assim que aí chegou pôs-se a admirar o tesouro preferido da mãe, um objeto que a rainha observava com prazer sempre que podia.

Violeta ergueu os seus dedos gorduchos e retirou a caixa de ouro ornamentada de pedras preciosas do seu lugar de honra.

– Princesa Violeta! – exclamou Rachel sem pensar. – A vossa mãe proibiu-vos de tocar nisso!

Com uma expressão inocente, a princesa virou-se e atirou-lhe a caixa. Abafando uma exclamação, Rachel apanhou-a, aterrorizada com a ideia de deixar aquele tesouro despedaçar-se contra a parede, e pousou-a imediatamente no chão como se se tratasse de uma brasa ardente. Depois recuou, receosa de ser açoitada se a apanhassem perto daquela preciosa caixa.

– Qual é o problema? – exclamou a princesa. – A magia não permite que a caixa saia desta sala. Não há risco de a roubarem ou assim.

Rachel não percebia nada de magia, mas não queria de modo algum ser surpreendida a tocar na caixa da rainha.

– Vou até à sala de jantar – anunciou a princesa com o nariz empinado – para ver a chegada dos convidados. Limpa isto tudo

e depois diz aos cozinheiros que não quero a carne seca como da última vez, ou pedirei à minha mãe que os castigue.

– Assim farei, princesa Violeta.

– Não te esqueces de nada?

– Oh, claro! Agradeço-vos por me terdes trazido aqui e deixado admirar a vossa beleza com todas estas joias...

– Bem, é o mínimo que posso fazer por ti. Deves estar farta de ver essa tua cara hedionda ao espelho. A minha mãe diz que devemos ser amáveis com os menos afortunados. – Meteu a mão no bolso. – Toma a chave. Não te esqueças de trancar a porta quando acabares de arrumar.

– Com certeza, princesa Violeta – aquiesceu Rachel, dobrando-se numa vénia.

Ao entregar-lhe a chave, Violeta esbofeteou-a violentamente com a mão livre. Atordoada, a pobre criança viu a tirana abandonar a sala por entre gargalhadas estridentes. Aquele riso era quase tão doloroso quanto as bofetadas.

Em lágrimas, Rachel ajoelhou-se e apanhou os anéis negligente-mente atirados para o tapete. Pouco depois fez uma pausa e tocou com as pontas dos dedos no local em que levara a bofetada. Doía-lhe muito!

Recomeçou a arrumar tudo o que circundava a caixa da rainha, olhando-a de soslaio. Não se atrevia a tocar-lhe, embora soubesse que, para a poder arrumar, teria de o fazer. Demorou um tempo infinito a guardar as joias e a fechar as gavetas, na esperança de que aquele trabalho nunca acabasse e não tivesse de pegar no objeto que a rainha tanto estimava.

A soberana ficaria fora de si se viesse a saber que uma criança insignificante como ela tocara na caixa. E considerando que um dos seus passatempos preferidos era mandar cortar cabeças... Por vezes, Violeta obrigava-a a assistir às execuções, mas ao contrário da princesa, ela fechava sempre os olhos.

Quando arrumou todas as joias e fechou a última gaveta, olhou de viés para a caixa. Teve a impressão de que aquela a observava e que, de alguma forma, iria denunciá-la à suserana. Recorrendo a toda a sua coragem, Rachel baixou-se, apanhou o objeto e, segurando-o com

o braço estendido, avançou cuidadosamente pelos tapetes para não o deixar cair; depois, devolveu muito lentamente a caixa ao pedestal onde geralmente repousava para que nada escapasse do seu interior.

Aliviada, afastou a mão depressa.

Ao dar meia-volta deparou-se com a bainha de um manto prateado que roçava no chão e ficou sem ar. Como era possível não ter ouvido passos?

Levantou a cabeça e, seguindo involuntariamente a linha do manto, passou por duas mãos que saíam das mangas, por uma longa barba branca e pontiaguda, um nariz aquilino e deteve-se ao nível de dois olhos negros que se destacavam de um crânio calvo.

O feiticeiro!

– Feiticeiro Giller... – gemeu, esperando cair fulminada a qualquer instante. – Só estava a arrumar a caixa. Por favor, por favor não me mate! – Quis recuar, mas os seus pés não lhe obedeceram. – Por favor!

Levantou a saia e mordeu a bainha para não desatar a chorar.

Quando o feiticeiro se aninhou diante dela, Rachel fechou os olhos e estremeceu, convencida de que tinha chegado a sua hora.

– Minha querida – murmurou Giller com doçura. Rachel abriu prudentemente um olho e verificou, estupefacta, que o feiticeiro se ajoelhara à sua frente e que os seus rostos estavam ao mesmo nível.

– Não te farei nenhum mal.

– A sério? – indagou ela, abrindo o outro olho com a mesma cautela.

Não acreditava naquele homem. Sobressaltada, deu-se conta de que a pesada porta, a sua única via de escape, estava fechada.

– A sério! – confirmou o feiticeiro. – Quem é que tirou a caixa do pedestal?

– Estávamos a brincar, só isso. Sim, a brincar... Pu-la no sítio para a princesa ficar contente. Ela é muito amável comigo, por isso quis ajudá-la. A princesa é maravilhosa. Adoro-a e ela...

Giller pôs-lhe um dedo nos lábios.

– Já percebi, querida... Então és a companheira de brincadeira da princesa?

– Sim. Sou a Rachel.

– Que nome bonito! Fico muito contente por te conhecer, Rachel. Desculpa se te assustei. Vim apenas dar uma vista de olhos à caixa da rainha.

Nunca ninguém elogiara o seu nome antes. Mas o feiticeiro fechara a porta...

– Não vai matar-me? Nem transformar-me num sapo?

– Claro que não! – exclamou Giller com um sorriso, antes de a fixar atentamente. – Que marcas vermelhas são essas?

Rachel não respondeu, demasiado assustada para denunciar a sua senhora. Lentamente, o feiticeiro tocou-lhe na face com a ponta dos dedos e o ardor provocado pela bofetada desapareceu.

– Sentes-te melhor?

A menina anuiu. Vistos de perto, os olhos do feiticeiro pareciam-lhe enormes e davam vontade de lhe contar tudo...

– A princesa bateu-me – admitiu, envergonhada.

– Ah, sim? Então ela não é assim tão amável contigo, pois não?

Rachel abanou negativamente a cabeça.

Nesse momento, o feiticeiro teve um comportamento que a deixou atónita: deu-lhe um abraço forte. Inicialmente paralisada, Rachel acabou por retribuir. As suas longas suíças brancas fizeram-lhe cócegas no pescoço e na cara, mas isso não a incomodou.

Giller fitou-a com ar triste.

– Lamento muito, querida. A princesa e a rainha podem ser muito cruéis.

A voz daquele homem era tão agradável que lhe recordava a de Brophy. Sob o seu nariz aquilino, os lábios esboçaram um sorriso rasgado.

– Vamos fazer uma coisa que poderá ajudar-te... – Enfiou a mão num dos bolsos do manto e olhou para o teto enquanto os seus dedos tentavam alcançar o que procurava. Rachel arregalou os olhos quando viu aparecer uma boneca de cabelos curtos e louros como os seus. – É uma boneca mágica.

– Uma boneca mágica? – repetiu ela.

– Sim. – Giller sorriu e várias rugas formaram-se-lhe nos cantos da boca. – Sempre que tiveres problemas, conta-lhos e ela far-te-á esquecer-los. Tem poderes, sabes? Toma, experimenta.

Com a respiração entrecortada, a menina estendeu as mãos e pegou delicadamente na boneca, que apertou contra o peito num abraço forte. Então, hesitante, levantou-a ao nível do rosto e confidenciou-lhe, com os olhos cheios de lágrimas:

– A princesa Violeta diz que sou feia...

A boneca sorriu, deixando-a boquiaberta.

– Gosto muito de ti, Rachel – murmurou debilmente.

A criança deu um grito de surpresa. Depois, radiante, voltou a apertar a boneca contra o peito.

De súbito, lembrou-se... e quis restituir a prenda ao feiticeiro.

– Não estou autorizada a ter uma boneca. A princesa proibiu-mo. Se ela a descobrir, queimá-la-á!

– Hum... Deixa-me pensar – ponderou o feiticeiro, passando a mão pelo queixo. – Onde é que dormes?

– Quase sempre no quarto da princesa, trancada na sua arca de roupa. Às vezes, quando ela julga que não me portei bem, expulsa-me do castelo e obriga-me a dormir na floresta. A princesa acha que isso é um castigo pior do que a arca, mas eu gosto, pois tenho um esconderijo num pinheiro-refúgio, onde durmo. Ao contrário das arcas de roupa, os pinheiros-refúgio não têm fechaduras e posso ir fazer as minhas necessidades sempre que preciso. Por vezes faz muito frio, mas eu tenho um monte de palha para me tapar e aquecer. Volto sempre muito cedo para o castelo, não vá ela enviar os guardas à minha procura. Assim não corro o risco de que descubram o meu esconderijo. Se isso acontecesse, contariam à princesa e ela nunca mais me mandaria para a floresta.

O feiticeiro segurou-lhe ternamente o rosto com as mãos.

– Minha querida – suspirou –, é possível que eu também tenha alguma culpa em tudo isso... – Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Rachel não sabia que os feiticeiros também choravam. – Tenho uma ideia! – anunciou com um sorriso e levantando um dedo. – Conheces os jardins?

– Sim. Tenho de atravessá-los para chegar ao meu esconderijo. A princesa obriga-me a sair pela porta das traseiras, pois receia que, se eu sair pela porta principal, alguém me veja e me dê abrigo

durante a noite. Também não quer que eu vá para a cidade ou para alguma quinta. Só tenho autorização para ir para a floresta.

– Muito bem. Então escuta com atenção: na alameda central dos jardins existem umas urnas pequenas de ambos os lados, com flores amarelas...

– Sim, sei quais são.

– Vou esconder a tua boneca na terceira urna da direita e protegê-la-ei com um feitiço para que só tu possas vê-la – explicou, fazendo desaparecer a boneca sob o manto. – Da próxima vez que a princesa te expulsar do castelo, a boneca estará à tua espera. Deverás então guardá-la no teu esconderijo para que ninguém a encontre ou ta tire. Também te vou dar um fósforo mágico. Só terás de juntar uma pilha de raminhos, rodeá-la com pedras, apontar o fósforo mágico aos ramos e pedir «Acende para mim», e eles começarão logo a arder. Assim não passarás frio. Mas não deixes as chamas crescerem muito!

Rachel atirou-se-lhe novamente ao pescoço e deu-lhe um forte abraço.

– Obrigada, feiticeiro Giller!

– Quando estivermos sozinhos, quero que me trates por Giller e por tu, pois é assim que funciona entre amigos.

– Obrigada pela boneca, Giller. Nunca tinha tido uma prenda tão bonita. Cuidarei muito bem dela. Mas agora tenho de ir transmitir uma mensagem aos cozinheiros em nome da princesa. Depois irei sentar-me a vê-la comer. – Esboçou um sorriso. – Isso dar-me-á tempo de pensar nalguma asneira que a faça expulsar-me do castelo esta noite.

O feiticeiro sorriu com vontade e os seus olhos brilharam. Antes de ajudar a sua protegida a abrir a porta, despenteou-lhe o cabelo de forma brincalhona.

– Espero que um dia possamos voltar a conversar... – desejou Rachel.

– De certeza que sim, querida, de certeza que sim.

Depois de trancar a porta e de se despedir com um aceno, a menina desatou a correr pelo comprido corredor deserto. Nunca se sentira tão feliz desde que fora viver para o castelo! A fim de chegar

à cozinha – um percurso longo –, desceu várias escadas, atravessou grandes salões com tapeçarias e quadros nas paredes, percorreu divisões com janelas altas tapadas por cortinas douradas e vermelhas e com cadeiras de veludo escarlate e pernas de ouro, e passou por guardas imóveis como estátuas que protegiam determinadas portas, por outros que faziam patrulhas em grupos de dois e ainda por criados que corriam em todas as direções carregando roupa lavada, bandejas, vassouras, trapos ou baldes cheios de água.

Ninguém lhe prestou a menor atenção, pois não era a primeira vez que a viam correr pelo castelo a fazer recados para a princesa.

Quando entrou na cozinha – um espaço repleto de vapor, fumo e barulho –, a criança ofegava. Os ajudantes apressavam-se de um lado para o outro, transportando sacos pesados, caçarolas grandes ou bandejas quentes, e tentando não chocar uns com os outros. Algumas pessoas dedicavam-se a cortar coisas que ela não conseguiu identificar porque as mesas eram muito altas. Por entre os tinidos das panelas, os cozinheiros berravam ordens aos ajudantes, que não se cansavam de tirar e guardar utensílios metálicos que pendiam acima das cabeças. Toda a gente gritava ao mesmo tempo, cobrindo o ruído constante das colheres que raspavam no fundo dos tachos e o suave crepitar do óleo quente misturado com manteiga, cebolas e especiarias.

Aquele lugar caótico cheirava tão bem que a cabeça de Rachel começou a andar à roda. Puxou a manga de um dos cozinheiros-chefes e tentou informá-lo de que tinha uma mensagem da princesa, mas o homem discutia com um colega e, irritado, mandou-a esperar. Rachel sentou-se num banquinho ao lado dos fornos e encostou-se aos tijolos quentes. O cheiro delicioso que se propagava pelo ar era uma verdadeira tortura para alguém com tanta fome como ela, mas sabia que teria problemas se pedisse algo para comer.

Os cozinheiros-chefes continuavam a agitar os braços e a gritar um com o outro junto a uma grande vasilha de barro. De repente, o recipiente caiu da mesa, partiu-se ao meio e libertou um líquido castanho-claro que se espalhou pelo chão. Para não molhar os pés descalços, Rachel subiu para cima do banco.

Os dois cozinheiros ficaram petrificados e quase tão brancos quanto os seus aventais.